VISÃO DO CORREIO

Proibição das bets: proteger quem?

O futebol brasileiro entrou no debate sobre a proibição das apostas esportivas com um slogan de efeito: "Proibir não é proteger". A frase aparece em placas de publicidade, manifestações de clubes e uniformes de times tradicionais. É direta, mas deixa uma pergunta: proteger quem?

A campanha foi articulada por entidades do mercado, como a Associação Nacional de Jogos e Loterias (ANJL) e o Instituto Brasileiro de Jogo Responsável (IBJR), com participação de empresas e clubes. Flamengo e Fluminense exibiram a mensagem no espaço dos patrocinadores máster durante o último clássico entre eles no Maracanã. A iniciativa partiu das próprias patrocinadoras e expõe o encontro entre interesses comerciais e debate público.

Publicada em setembro, a Medida Provisória 1.394/2026 proibiu a exploração, a oferta, a intermediação e a publicidade das apostas de quota fixa no país. A restrição interrompeu uma atividade autorizada e regulamentada pelo Estado. Críticos alegam que a medida não elimina a procura, pode estimular o mercado clandestino, comprometer contratos e enfraquecer a fiscalização.

Há pontos legítimos nessa contestação. Segurança jurídica, impactos econômicos, preservação de empregos e risco de expansão das plataformas ilegais precisam ser considerados. Cabe ao poder público demonstrar como fiscalizará a medida e evitará maior vulnerabilidade dos consumidores.

O problema está em transformar uma ponderação necessária em afirmação absoluta. Proibir não significa deixar de proteger. Em determinadas circunstâncias, a proibição é instrumento de proteção coletiva: a sociedade estabelece limites para atividades que podem produzir danos e ameaçar direitos. Nem toda proibição é justa ou eficiente, assim como nem toda restrição representa ataque à liberdade.

O futebol tem razões econômicas para se posicionar. Casas de apostas tornaram-se patrocinadoras relevantes de clubes, competições e transmissões. A interrupção desse fluxo afeta contratos, planejamento e receitas. As agremiações podem defender interesses e questionar decisões governamentais, mas não devem confundir negócios particulares com o bem coletivo.

Há diferença entre salvaguardar a receita de um clube e proteger o torcedor; entre preservar contratos e reduzir riscos de endividamento, comportamento compulsivo e comprometimento da renda familiar. Os efeitos podem ultrapassar o apostador e atingir toda a família. O debate precisa considerar quem lucra e quem sofre as consequências.

O futebol alcança milhões de pessoas, inclusive crianças e adolescentes. Ao estampar uma mensagem na camisa, um clube não manifesta apenas posição comercial: empresta a força simbólica de uma instituição que mobiliza paixões e influencia comportamentos. Essa visibilidade implica responsabilidade.

A proibição não é resposta definitiva. Combate ao mercado clandestino, fiscalização, educação financeira e assistência às pessoas afetadas exigem políticas consistentes. Uma restrição sem capacidade de execução pode produzir efeitos contrários aos pretendidos.

A discussão no Congresso e no Supremo Tribunal Federal exige argumentos e responsabilidade. Não basta apontar prejuízos econômicos nem defender a restrição sem apresentar caminhos para enfrentar os problemas que motivaram a medida.

Clubes, empresas e entidades precisam responder: proteger quem? A mesma pergunta vale para o poder público: como garantir que a medida cumpra sua finalidade?

O futebol tem legitimidade para defender a sustentabilidade financeira. Mas a dimensão social exige olhar além dos próprios interesses. O torcedor não pode ser lembrado apenas quando compra ingresso, assina uma plataforma ou movimenta o mercado. A proteção também precisa entrar em campo.





ANA DUBEUX
anadubeux.correio@gmail.com

O levante democrático e o que vem depois

Nós já sabíamos que seriam eleições extremamente disputadas, de resultado incerto e com debates acalorados, ainda mais do que em 2022. Mas creio que ninguém previu o tamanho e a intensidade do levante que se seguiu ao primeiro turno. Lula reeleito com 4 milhões de votos a mais do que o adversário, uma virada inédita e nada previsível, que só foi possível graças à mobilização popular. Foi a reeleição de Lula, mas foi também o despertar de um povo. E, quando ele acorda, demora a voltar a dormir. Ainda bem. Temos muito a fazer.

Muitos disseram que foram as eleições do medo. O temor do fascismo e da perda de direitos conquistados. É mesmo um fato. Mas 2026 não ficará marcado apenas pelo medo, mas por um lindo movimento espontâneo e coletivo, nascido na juventude, encorpado pela sociedade, que foi às ruas e às redes, enfrentando todo tipo de boicote, em especial das big techs, que manipulou o algoritmo às claras para expandir o alcance da desinformação e sabotar a esquerda. E sem esquecer os 60+, que viveram a ditadura e foram às urnas com a memória de quem conhece o preço da liberdade e não aceita retrocessos. O que veio e virá depois dessa primavera já é história.

As eleições no Brasil levaram o mundo a acreditar que é possível vencer a extrema-direita. Os gestos, as ruas tomadas, as estratégias de Janones e do exército que se impôs gigante e incansável têm sido replicados mundo afora. Nunca se falou tanto em política, nunca se debateu tanto. Isso é extraordinário e mostra o tamanho e a força do Brasil, um país que não se curva e serve de exemplo ao mundo.

Também estamos vendo as consequências do lado perdedor: da vergonhosa fuga de Flávio Bolsonaro e sua patética carta-manifesto, proclamando-se um líder que nunca foi, aos ataques a indígenas, boicotes a comerciantes, demissões e denúncias de assédio eleitoral. Leis existem para punir tudo isso, mas é preciso cobrar para que sejam aplicadas de forma exemplar.

Sabemos que será um mandato regido por Lula, mas orquestrado por uma massa sedenta por mudanças, sobretudo no jeito de fazer política. Vamos ver se o presidente entendeu o recado do povo, que o levou nos braços ao quarto mandato. O Congresso Nacional com a maior oposição da história também precisará entender que não representa apenas uma força política, mas uma população que está pronta para cobrar.

É notório também que restou das urnas muito desamor, raiva e briga. E tudo isso pesa, cansa e entristece. Para uns e outros, o processo depurou relações de amizade e familiares. Mas, para outros, afastou amores, rompeu laços importantes e impôs um distanciamento que pode cobrar um preço alto lá na frente. Ou seja, tem festa, mas também tem luto. Vamos precisar conviver com os sentimentos conflitantes, mas também abrir o coração para pacificar, perdoar e seguir adiante com mais amor e menos dor.

Em momentos intensos como os que estamos vivendo, pego as lições da canoa havaiana, que me salvou em tantos momentos durante esse desgastante processo eleitoral: em grupo, com cada um fazendo sua parte, o conjunto em harmonia e bem coordenado, a gente tem a certeza de que vai chegar ao lugar pretendido. Um povo unido tem mais conquistas. Que saibamos perdoar e conviver democraticamente com quem pensa diferente. Iremos mais longe assim.

» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail:** *sredat.df@dabr.com.br.* O **Correio** reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Voto distrital

O deputado Hugo Motta retomou o debate sobre a reforma política, levantando a possibilidade de adoção do voto distrital misto. Diante das contradições representativas desse modelo, cabe parafrasear um saudoso político pernambucano: "Em princípio, pode ficar tranquilo, isso não tem a menor chance de dar certo." É notório que o atual sistema eleitoral proporcional de lista aberta, utilizado para a eleição de deputados e vereadores, foi corroído pelo personalismo político e pela ascensão dos famosos influencers. A reforma eleitoral é urgente, mas exige ousadia! Precisamos resgatar o debate em torno de ideias, retirando o protagonismo dos "personagens" e devolvendo-o às "bandeiras". Nesse sentido, a adoção do voto proporcional por lista fechada, formada por processos democráticos internos dos partidos, a exemplo das primárias norte-americanas, e preservando a sistemática dos quocientes eleitoral e partidário, representaria um avanço significativo. Afinal, o debate político deve priorizar propostas coletivas, não ideias individuais.

» **Daniel Cunha**
Águas Claras

Endividamento

O endividamento das famílias brasileiras atingiu cerca de 82%, segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens , Serviços e Turismo (CNC). Cultivamos cada vez mais a cultura da dívida, incentivados pelo próprio governo. Só vai preso aquele que não paga pensão à ex-esposa ou a filhos. Verifica-se que muitos estão realmente em dificuldades financeiras, mas boa parte não vive no aperto, age na esperteza. Deve-se considerar também os juros e taxas extorsivas praticados pelos bancos e comércio. Essa situação ajuda a aumentar o chamado "custo Brasil". A base da economia é a confiança. Sem ela, aumenta a inflação, freia o desenvolvimento e inibe o trabalho produtivo.

» **Humberto Pellizzaro**
Asa Norte

Novo bairro 1

O DF poderá ganhar novo bairro residencial na Saída Norte, e a população reclama. O brasiliense é engraçado. Quer metrô, mas é contra um adensamento mínimo da cidade. É contra as invasões, mas diz não à proposta de bairro planejado. Reclama do aumento nos congestionamentos, mas quer que as pessoas morem o mais longe possível do centro para obrigá-las a usarem o carro. Não dá para entender. Querem manter um modelo obsoleto de cidade que perpetua a desigualdade.

» **Danilo Paulo**
Brasília

Novo bairro 2

Essa ideia de um novo bairro na Saída Norte do Distrito Federal é ótima. Vai ter mais concreto, tudo de que Brasília precisa. Para que resolver a especulação imobiliária que anda fazendo a cidade se tornar extremamente cara para quem quer comprar imóvel ou alugar? Vamos deixar mais áreas verdes e deixar ao deus-dará...

» **Gabriel Sousa**
Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Americanos fazem campanha: #DeportTheBolsonaros. Enquanto isso, no Brasil...#NãoAceitamosDevolucões

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Flávio Bolsonaro poderia exercer a função de líder de uma oposição numerosa se não tivesse fugido para os Estados Unidos, diz artigo no **Correio** (31/10). Por isso queriam prendê-lo.

Marcelo Montalvão — Brasília

Alcolumbre pauta PEC da Segurança Pública para a próxima terça-feira: Pensei que o povo estava revoltado porque não podia modificar a Constituição.

Nilza Alencar — Picos (PI)

Mercado financeiro agitado pós-eleições 2026: a Faria Lima não entendeu, ainda, o recado dado pelas manifestações na Avenida Paulista!...

Marcos Paulino — Vicente Pires

» correiobraziliense.com.br

ARTIGO

Em *Até quando o brasileiro vai precisar ser feliz apesar de tudo?*, Renata Rivetti, pesquisadora da ciência da felicidade e das relações humanas, alerta que existe uma diferença entre encontrar felicidade apesar das dificuldades e precisar ser feliz apesar de tudo o tempo inteiro. Confira no site do **Correio**,

CB PODER

Jornalistas do **Correio** entrevistam analistas políticos sobre os desdobramentos do resultado do segundo turno das eleições presidenciais, incluindo o aumento das denúncias de assédio eleitoral e a relação entre Brasil e EUA, onde está Flávio Bolsonaro.

Aponte a câmera e confira o vídeo na íntegra

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R$ 5,00	R$ 7,00

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: *dapress@dabr.com.br* Site: *www.dapress.com.br*